

O COMPLEXO DE GOLFCONDA



PEDRO G.P. MARTINS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O COMPLEXO DE GOLCONDA



PEDRO G.P. MARTINS

O complexo de Golconda

by Pedro G.P. Martins

Copyright © 2013 by Pedro G.P. Martins

Cover © Ana C. Nunes

Smashwords Edition

Contacto: pedrogpmartins@gmail.com

Blog: <http://a-chave-dicotomica.com>

Smashwords Edition, License Notes

Thank you for downloading this free ebook. You are welcome to share it with your friends. This book may be reproduced, copied and distributed for non-commercial purposes, provided the book remains in its complete original form. If you enjoyed this ebook, please return to Smashwords.com to discover other works by this author. Thank you for your support.

Nota do autor:

Este conto foi escrito de acordo com a antiga ortografia. Agradeço a Carlos Martins e Ana C. Nunes os comentários que fizeram sobre uma versão anterior do texto. Ana C. Nunes (<http://spiritus-alas.blogspot.com>) foi também a autora da ilustração da capa.

Conteúdos

Parte 1:

Capítulo I – Libsterdam

Capítulo II – 10 dias antes

Capítulo III – Escolhe AnnaQuinn

Capítulo IV – Cassandra

Parte 2:

Capítulo V – Mönnikoog, dia 1

Capítulo VI – Libsterdam

Capítulo VII – Mönnikoog, dia 2

Capítulo VIII – Libsterdam

Capítulo IX – Mönnikoog, dia 3

Parte 1

Capítulo I – *Libsterdam*

Défice zero. Taxa de desemprego, zero por cento. Estamos em Libsterdam, a capital dos sonhos, das segundas oportunidades. A única limitação dos cidadãos de Libsterdam é a finitude das suas capacidades, a finitude do tempo, a finitude das escolhas.

“Cidadãos. Pessoas. Muitas pessoas”. Mas na sessão de autógrafos, Ricky Ribera não pôde deixar de reparar nos ângulos daquele corpo. Reconhece-los-ia em qualquer parte do mundo. Perfilada entre a multidão, Tharlize Cheron esperava pela sua vez, numa pose recatada e discreta, fazendo por passar despercebida aos olhares alheios. Tarefa difícil, mas irrelevante. Os olhos de Tharlize tinham encontrado os de Ricky, e os de Ricky encontrado os de Tharlize. Tudo em volta se esboroara numa nuvem de partículas. E o tempo enleia-se num novelo desconexo, embrenhando a horda de admiradores num espectro de carantonhas distorcidas. Bocas desfiguradas, em torno de Ricky Ribera, aspergem palavras cavas e dengosas em surdina. Nas tintas para os admiradores, Ricky é sugado pelos olhos da musa, que se destaca da multidão e avança para ele, meneando os ombros como um leopardo que se insinua, hipnotizando a sua presa. Os dedos de Ricky continuam a rabiscar os livros que se sucedem, com gestos mecânicos, sem sequer os ver. E o público ciranda em torno do autor, cintilando como abutres psicadélicos com bons bicos para roer ossos. A carne, essa, intumesce-se com o sangue acossado da expectativa, ante a pantera que devagar se acerca.

– É para a minha mãe – diz Tharlize, ao estender-lhe o livro, fazendo-o deslizar pela bancada com o a suavidade dos seus dedos – ela anda obcecada com este seu personagem, o Axel van Droom.

Ricky faz uma careta, visivelmente intrigado.

– Que pena – responde, com um meio sorriso.

– Não diga isso. A minha mãe tem esta mania de se afeiçoar a tudo aquilo que eu gosto. Sabe como são as mães.

Ricky abre o livro na primeira página para o assinar. Que desgraça. Um autor tão engenhoso e prolífico com as palavras, criador de *best-sellers*, e toda a imaginação se esfuma face à presença de Tharlize Cheron. “E o nome da sua mãe é...?”. Tharlize Cheron franze ligeiramente o sobrolho. Foi isto, e apenas isto, que saiu da boca de Ricky Ribera. O autor rabisca o nome com a mão suada e trémula no livro que devolve a Tharlize Cheron. Ela afasta-se com elegância, bamboleando as ancas no salão lacerado pelos relampejos de repórteres, e dilui-se na multidão.

Pouco depois, Ricky Ribera tornou a encontrá-la. Finalmente, lá estava ela. Encostada a um varandim na zona do beberete, com um copo de champanhe numa mão, e um riso social na outra, integrado numa conversa avulsa. Ricky atravessa a sala com os olhos postos na sua musa. Tharlize capta-lhe o movimento com um olhar de soslaio e prepara-se para o receber, desfazendo o sorriso em câmara-lenta.

– Ricky chega aqui – soou a voz do editor, que surge na frente do autor, obstruindo-lhe o percurso.

Ao lado do editor está um homem de blazer lilás que Ricky ficou a saber tratar-se de um produtor de cinema. Aparentemente, já se estava a pensar na ideia de fazer um filme baseado no livro. Ricky aquiesce com um sorriso e acrescenta:

– Até já temos uma estrela para o papel feminino – comenta, deitando os olhos na direcção de Tharlize, mas a reacção é surpreendente. O editor e o cineasta entreolham-se com assombração estampada nos rostos. Quando voltam a olhar para Ricky, ele já não está ali.

– Sabia que no topo deste edifício é possível ver-se a constelação de Alfa-Centauro, em plena Libsterdam? – Pergunta Ricky a Tharlize, assim que consegue desembaraçar-se do conluio de homens de negócios.

Tharlize ri-se com a aquela saída inesperada.

– Não sabia. – Responde – aliás, acho que nunca vi a constelação Alfa-Centauro.

– Isso é um crime para quem foi “A mulher do astronauta”.

Tharlize faz um ar de embaraço.

– Está enganado. Isso foi uma personagem que interpretei, não eu.

– E uma bela personagem. Que nunca foi devidamente valorizada.

– Está a exagerar. Mas fale-me antes do personagem do seu livro – Tharlize morde o lábio inferior – esse tal de Axel van Droom.

– Vou começar a ter ciúmes “desse tal” Axel van Droom.

Tharlize ri-se de novo, em parte aturdida pelo efeito do álcool. Sobem um lance de escadas e desembocam no terraço do edifício. Aproximam-se do parapeito curto, que dá pelo nível do joelho, e brindam mais uma vez com os copos de champanhe. Lá em baixo estende-se a Damtagusrak, a maior avenida de Libsterdam. Tharlize olha para o céu saplicado de algumas estrelas.

– Então, onde é que está a constelação? Guie-me por favor, Sr. Ribera. Leve-me a Alfa-Centauro.

Ricky aproxima-se e envolve-a por detrás, segura-lhe num braço e eleva-o na direcção das estrelas quando a vibração do intercomunicador do ouvido interno o desperta.

– Só um momento – diz-lhe, e afasta-se um pouco. Era o editor.

– Ricky, onde é que tu estás? – Soa a voz dele, algo inquieta.

– Estou a observar o céu – responde Ricky, evasivo – porquê? O que é que se passa?

– Ricky, por favor, volta para baixo – suplica-lhe o editor – não caias nessa armadilha. Essa mulher é um *bug*, não é quem tu pensas que é.

Ricky faz uma pausa.

– Como é que tu sabes isso?

– Apenas sei. Acredita Ricky. Ela é um *bug*, uma armadilha.

– Está tudo bem? – Pergunta-lhe Tharlize ao detectar o transtorno visível no rosto de Ricky, assim que a ligação terminou.

– Sim, está tudo bem – responde-lhe Ricky.

Ele aproxima-se de Tharlize Cheron silenciosamente. Os olhares entrelaçam-se e os corpos aglutinam-se com uma força gravítica, até os lábios se tocarem levemente. Ricky retira-lhe o copo de champanhe da mão, coloca-o de lado, encaixa os dedos nos dela.

– Diz-me Tharlize, qual é o teu segredo?

Tharlize franze o sobrolho.

– Segredo?

– Sim, todos temos segredos. O meu por exemplo, é que tenho a capacidade de voar.

Ela sorri nervosamente.

– O que é que quer dizer com isso?

– Estou a dizer-te a verdade, eu sei voar. Anda comigo, Tharlize Cheron.

Ricky puxa-a para a borda do parapeito. Tharlize resiste e solta um grito, mas ele redobra a força.

– Confia em mim, Tharlize – diz-lhe com um olhar sinistro e lança-se com ela pelo prédio abaixo.

Ricky Ribera acordou pouco tempo após o estrondo da queda. Tudo parecia normal, quando abriu os olhos. O travo a maçãs azedas, a perdurar ainda nas mucosas da boca, era o resquício de mais uma viagem no mundo dos sonhos. Mas ao sabor do psicotrópico juntou-se um outro. Estranho sabor, familiar sabor, o sabor a sangue. Ricky limpa com uma mão a face coberta de suores frios e olha para o lado, para a sua outra mão, que está cravada na de uma mulher que jaz no asfalto, banhada na poça de sangue que jorra por debaixo da cabeleira loira. Não é Tharlize Cheron, é uma outra mulher, que ele não conhece e nunca viu. Ricky tenta levantar-se mas não consegue mexer as pernas, que estão na realidade viradas ao contrário, com os ossos ensanguentados expostos à luz do dia. Ricky Ribera percebe então onde está. Olha em volta e vê pedaços do jetpack espalhados no asfalto, onde um horror de corpos estropiados se estende ao longo da avenida. Uns mortos, outros gritando por ajuda.

– Merda, os Sphynx – murmura Ricky, com os lábios exangues.

Mas um ruído, mais estrondoso ainda, abafa os coros de dor e agonia. Um arranhar metálico que se aproxima. Ricky roda a cabeça para trás e dá conta do SlangTram descarrilado que avança vertiginosamente na sua direcção. Mas pouco mais consegue apreender antes de perder os sentidos. Felizmente, já não estava consciente aquando do impacto.

Capítulo II – 10 dias antes

– Bem-vinda à Ömiröm – disse Axel van Droom, dez dias antes, sem olhar para a mulher que acabara de entrar.

Axel observava, pela parede envidraçada do edifício, o tráfego habitual de Lisbterdam à matinal hora de ponta. Um céu turvo, povoado de silhuetas humanas equipadas em jetpacks, encarreirando-se de forma ordeira pelos vários níveis de corredores aéreos. A nova cliente despertara-o do pequeno momento introspectivo e, com um gesto de mão, Axel encaminha-a agora para a cadeira de acrílico plantada no centro da sala. A cadeira está frente a uma secretária imponente, de tampo metalizado, onde ele próprio se senta. O metal reflete os feixes de luz que penetram a sala e tingem-lhe o rosto de branco. Um branco iridiscente, quase fantasmagórico, enquanto Axel folheia ao de leve o relatório com a análise psicológica feita pelo Professor Ruyah. A ficha de “Miss G. Aboughtass”.

Levanta por fim os olhos, que encontram os pés de Miss Aboughtass. O esquerdo assente no soalho de madeira, o outro um pouco acima, indicando que Miss Aboughtass cruzou a perna direita sobre a esquerda. Axel é um neuro-informático, modelador profissional, consegue visualizar a completude do quadro com apenas duas peças do *puzzle*. As peças são os pés daquela mulher. Eram tudo quanto bastava. Calçados numas sandálias elegantes, sofisticadas mas despretensiosas, com um entrançado de tiras de cabedal a entrecruzarem-se sobre o peito do pé e ancorando entre os dois primeiros dedos. Uns dedos não demasiado curtos e roliços, nem demasiado compridos e ossudos. Uns dedos proporcionados, impecavelmente

modulados uns nos outros, compondo um pé de formato egípcio, equilibrado, com umas unhas bem arranjadas, pintadas de um vermelho-sangue forte e reluzente. E os apertados espaços entre os dedos configurando sulcos erógenos, misteriosos labirintos virginais.

– “Em parte somos feitos das escolhas que fizemos, mas, sobretudo, das escolhas que não fizemos”, disse-me um dia o Professor Ruyah. Sabe o que isto significa? – Pergunta-lhe Axel, colocando de lado pensamentos menos apropriados para o momento.

Os pés não respondem, ficam a olhar para ele. Axel decidira não subir o olhar acima do nível dos tornozelos de Miss Aboughtass.

– Ele queria dizer que são sobretudo os caminhos que decidimos não tomar, aqueles que nos definem – explica, fazendo uns rabiscos no papel – perante uma bifurcação, optamos por uma de duas vias. E ao percorrer esse caminho, deparar-nos-emos com muitos processos aleatórios, fenómenos que não controlamos e que porventura nos influenciam. Mas a nossa decisão *a priori*, a de não seguir a outra via da bifurcação, é puramente determinística. Faz parte do nosso carácter, da estrutura psíquica e moral de cada um. Entende o que estou a dizer?

– Não, lamento mas não o estou a seguir.

– Bom, vou explicar de outra maneira – diz Axel, esfregando os olhos visivelmente cansados, reflexos de uma noite mal dormida – o que lhe quero dizer é que deve estar ciente de que quando experimentar a versão AQ-4.6 do AnnaQuinn, poderá vir a deparar-se com os possíveis efeitos secundários, a que nós chamamos de “retro-psicoses”.

– “Retro-psicose”? Dr. van Droom, eu tenho formação em Psicologia e nunca ouvi esse termo.

– É natural. Foi o Professor Ruyah que o cunhou numa publicação recente. Vou explicar com um exemplo. Melhor ainda, com o seu exemplo.

Um parâmetro que o Professor Ruyah anotou na sua ficha é este relacionado com a frustração que sente com a sua profissão. Em alternativa, indicou que podia ter seguido a carreira de actriz.

Miss Aboughtass faz uma pausa.

– Desde os meus doze anos que desisti desse sonho. Mas sim, podia ter sido actriz.

– E ainda pode, mas em estado de dormência – enfatiza Axel, que continua – a questão é que a sonolência que induzimos funciona como uma hipnose regressiva com carácter vinculativo. Ao tomar o AnnaQuinn não vai apenas sonhar. Vai viver em pleno cada uma das suas vidas, aquelas que ficaram para trás em cada bifurcação do caminho. Mas as vidas virtuais e alternativas podem, por sua vez, retro-alimentar a sua personalidade presente, inoculando-lhe no subconsciente as experiências que teve no estado de dormência. No geral nada de muito sério, mas tem que estar ciente disso e, claro, assinar um termo de responsabilidade.

Pelo silêncio, e o ligeiro trejeito dos pés, Axel imagina-a a franzir o sobrolho.

– Continuando com o seu exemplo – continua Axel – imagine uma vida paralela onde não desiste de ser actriz. Aos doze anos de idade consegue ter a força mental suficiente para dobrar o seu padrasto, e ele deixa-a entrar na peça da escola. Mas imagine também que, nessa vida paralela...

Axel faz uma pausa, levanta o bico da caneta dos rabiscos distraídos no papel. Percebe que neste momento tem de fazer um compromisso e levanta os olhos para o corpo da mulher, mas sem a ver. Os olhos de Axel olham antes o abstracto, desfocam o corpo na sua frente, enquanto sobem pelo rosto de Miss Aboughtass e se fixam no topo da cabeça, onde se destaca o brilho de um par de cabelos tresmalhados, eriçados pelos

caprichos da electricidade estática. É para lá que os olhos de Axel migram, quando retoma o discurso.

– Imagine também que, nessa vida paralela não foi, digamos, abusada sexualmente quando tinha doze anos de idade. Enfim, quando despertar da dormência e voltar a si, pode de repente descobrir que encara o sexo de uma forma diferente. Isto pode interferir com a sua actual profissão, que exige que de si uma atitude desprendida e hedonista em relação ao seu corpo. Entende isto?

Novo silêncio, mas a posição dos pés, que indicam consternação pela referência àquele assunto sensível, indicam ao mesmo tempo que sim, que ela entendeu.

– É o preço a pagar, pelo complexo de Golconda – responde, por fim, num tom sério.

– Exactamente, Miss Aboughtass.

– Por favor, trate-me por Gaill.

Axel aquiesce com um seco gesto de cabeça.

– Acho que é tudo. Pode prosseguir para a secção médica, no gabinete do Dr. Ribera.

O corpo de Miss Aboughtass, elegante e curvilíneo, apesar de desfocado, levanta-se da cadeira e inclina-se para receber de Axel uma ficha e uma caixa com um microship.

– Está cá inserido o seu modelo personalizado do AQ-4.6 – refere Axel, apontando para o microship. – Mas não se esqueça de voltar dentro de cinco dias para sintonizarmos melhor os parâmetros.

– Obrigada.

– E lembre-se sempre, o AnnaQuinn não substitui o sono. Por isso, não descure nunca a função de dormir, para que tudo corra bem entre si e a Öniröm. Nós monitorizamos os níveis AMG de todos os nossos clientes, e

se notarmos que há uma sobreexcitação da amígdala cerebelosa por déficit de sono, a nossa política é cancelar de imediato o contrato com o cliente. Você já ouviu isto antes, e o Dr. Ribera vai frisar este ponto, mas nunca é demais referi-lo. Bom, espero ter sido claro em todos os aspectos – diz Axel, erguendo o braço na direcção da porta.

– Foi claro, Dr. van Droom – responde Miss Aboughtass.

Depois dirige-se para a saída, mas os pés hesitam um momento antes de transporem a porta. Parece que a dona daqueles pés espera que o Dr. Axel van Droom levante os olhos para os dela. Axel, no entanto, resiste e não o faz.

– Mas tenho apenas uma discordância, relativamente ao Professor Ruyah – soa a voz de Miss Aboughtass, que apanha Axel desprevenido, forçado a rodar a cabeça para a silhueta desfocada, junto à porta.

– Nem sempre as escolhas que “não fizemos” determinam quem somos. Por vezes, simplesmente, não percebemos que estamos perante uma bifurcação. Quantas vezes é que nós de facto escolhemos? Bom dia, Dr. van Droom.

Os pés de Miss Aboughtass abandonam por fim do gabinete, restando os ecos dos passos que se afastam. Axel respira fundo, pensativo, a olhar pela janela. A imagem ordeira de jetpacks deslocando-se lentamente nos corredores aéreos. Longe de imaginar o caos que estava para vir dez dias depois. O enxame louco de besouros metalizados, ziguezagueantes. Os gritos de pânico, as colisões frontais, os corpos caídos lá em baixo, semeados nas avenidas. E um eléctrico gigante, serpente parda descarrilada, em plena Rossioplein. “MORTE AOS SPHYNX” lê-se hoje em cartazes e grafitado em todos os recantos de Libsterdam.

Capítulo III – *Escolhe AnnaQuinn*

– Conhece esta mulher? – Pergunta-lhe o detective Pijp.

O rosto da loira dos cabelos ensanguentados repousa na mesa oval da sala de reuniões da Öniröm.

– Não, nunca vi esta mulher – responde Axel, com um semblante carregado.

Os olhos atentos do detective Pijp perscrutam a linguagem corporal de Axel, colapsado no estofado da cadeira. Algo o vinha atormentando há vários dias: o desaparecimento de Miss Aboughtass. Na verdade não o poderia apelar, tecnicamente, de desaparecimento. É natural vários clientes da Öniröm não comparecerem às segundas entrevistas. Muitos desistem depois da experiência-teste com o AnnaQuinn. E o responsável pela segurança, Matt Vanberg, acaba eventualmente por apagá-los do sistema. Mas o problema é que, na cabeça de Axel, aquela voz soava ainda.

”Quantas vezes é que nós de facto escolhemos?”

A pergunta ficara por responder. E não havia nada de objectivo que pudesse inquietar Axel van Droom, para além de querer voltar a falar com aquela mulher. Foi este pensamento que carregou de manhã, durante o percurso a pé para a empresa. Poucos dias após o terrível atentado em Libsterdam, a circulação de jetpacks encontrava-se ainda condicionada no centro da cidade. O cenário habitual, de um céu repleto de voadores em pose vertical, dera lugar a um tráfego intenso ao nível do solo. Um mar de gente a atafulhar SlangTrams e a percorrer as ruas estreitas e escorregadias de Libsterdam, que se afunilam e subdividem como as dendrites de

intrincado labirinto. No meio da multidão, Axel van Droom calcorreava com passo apressado as pedras da calçada, procurando não patinar no pavimento gorduroso de óleos que demoram a emulsionar-se nas finas águas da chuva. Uma chuva oblíqua, que mal perfura o smog turvo de tons violeta, impregnado do cheiro a fossa dos canais onde assenta a capital dos sonhos. “Terra das segundas oportunidades”, assim dizia o holograma lá em cima, projectado no manto espesso de bruma, onde se dissolviam também os edifícios esguios e desengonçados, sombrios e escolióticos. E o projector 3D da Öniröm emitia também a mensagem “Escolhe AnnaQuinn, vive sem violência”.

“Escolhe AnnaQuinn” repetia Axel entre dentes, enquanto atravessava um pequeno canal e atalhava pela Garretstraat. “A panaceia para as pulsões da morte, o antídoto para o complexo de Golconda”, matraqueava, fustigado pelos humores helicoidais do vento, que provocavam riso e dança em lingerie de psicowhores e lençóis de massagistas robotai, estendidos ao longo de janelas pombalinas, coçando-se nos varandins de ferro descascado. “MORTE AOS SPHYNX!” diziam os graffitis nas paredes esboroadas da Garretstraat. Mensagens de um ódio que penetrava Axel até aos ossos, como se as palavras lhe fossem dirigidas pessoalmente. Palavras atenuadas pelo odor a maçãs azedas que escapavam pelas montras rebordadas de neónes. O odor a AnnaQuinn, aspirado em psicadélicos e vítreos cachimbos-de-água. A Öniröm dominava, o AnnaQuinn tudo recobria e tudo apaziguava. E Axel cruzou-se com vultos de homens que emergiam do escuro de outras montras. De rostos fechados, petrificados, assim são os cidadãos de Libsterdam. Zombies com asas de ícaro, saciados, com vulvas pre-lavadas a impregnar-se ainda nas memórias da boca.

“Miss Aboughtass”, tartamudeou Axel, já no SlangTram 127 que apanhou em Damtagusrak e desceu a avenida na direcção da grande rotunda

do Marquês de Duiventil. Uma rotunda qual disco de vinil, esquartejada por carris desenhados a compasso, onde inúmeros SlangTrams se entrecruzam. O 127 contornou-a, passou junto ao parque Cavaco van Bos e desaguou por fim na Rossioplein, onde se ergue o edifício envidraçado, moderno e rectilíneo: a sede da Öñiröm. Quando Axel entrou no edifício, o detective Pijp estava já à sua espera.

– Tem a certeza que nunca viu esta mulher?

Não, não podia ser ela. Não era como Axel a imaginara, nada como a construía a partir daqueles magníficos pés. Não podia ser ela.

– Sim, tenho a certeza – confirma Axel e recosta-se no estofado da cadeira, mais confiante, fitando o detective nos olhos. Uns olhos grandes e andróginos, preenchendo uma face magra, com uma suave estrutura óssea.

O detective desliga o holograma e senta-se também, frente a frente com Axel. ”Quantas vezes é que nós de facto escolhemos?” lembra-se novamente Axel. Arjen Pijp não escolheu nascer homem. E ali está ele, com a insígnia da politiestaat ao peito, numa pose segura e assertiva, anotando no bloco digital as respostas que vai arrancando de Axel.

– E acha estranho esta mulher aparecer de mão dada aos restos mortais do Dr. Ricky Ribera? – Pergunta Arjen Pijp, sem levantar os olhos do aparelho.

Axel perde tempo a pensar um pouco e o detective ergue subtilmente os olhos para as contracções do rosto do entrevistado.

– Não sei, não faço ideia. O Ricky era extremamente reservado no que dizia respeito à sua vida privada. Este facto é relevante?

– O Dr. Ribera trabalhava na Öñiröm. E o alvo dos Sphynx é, e sempre foi, a Öñiröm... – Sugere o detective Pijp, com um ligeiro levantar de sobancelha.

O atentado não tinha sido formalmente reivindicado pelos Sphynx. Segundo Matt Vanberg, as consequências tinham sido talvez mais drásticas do que a seita de van Hulm teria planeado, mas tudo apontava para mais um atentado dos Sphynx. A pirataria no sistema operativo da Öniröm, alterando o holograma promocional da empresa pela imagem de uma aeronave em queda livre na Rossioplein. Esta imagem gerara o terror entre os transeuntes equipados de jetpacks, com o resultado que se vira.

– Está a sugerir que o Dr. Ribera terá sido especialmente visado no ataque e não apenas vítima das circunstâncias? – Pergunta-lhe Axel.

O detective nega com um gesto de cabeça. Cai-lhe sobre os olhos uma franja do cabelo, que trata de arrumar delicadamente atrás da orelha.

– Estamos só à procura do motivo que liga esta mulher ao Dr. Ribera. Mas para isso temos primeiro que identificar o corpo.

Axel anui com um acenar de cabeça e o sobrolho franzido, intrigado pelas perguntas do detective Pijp. Mas atormenta-o mais ainda não ter a certeza se aquela mulher loira, estendida no chão, não será quem ele mais teme que ela seja, quem ele não quer admitir que possa ser. A inquietação profunda de Axel é trazida à tona pela vibração do intercomunicador que tem incorporado no ouvido interno. Autoriza a chamada com um pensamento.

– Olha, o que te apetece para o jantar? Podem ser lentilhas? – Soa a voz de Coraline do outro lado da linha. Voz rodeada de sons de supermercado, secção das leguminosas e um saco de lentilhas na mão.

– Sim, podem ser lentilhas – responde Axel, como quem se vincula masculinamente a uma decisão, ao mesmo tempo que o detective se levanta, estendendo-lhe um cartão.

– É tudo, por agora, Dr. van Droom. E já sabe, com os Sphynx não se brinca. Tenha cuidado.

O detective afasta-se com o seu caminhar elegante numas botas de cano alto.

– Estás bem? – Pergunta-lhe Coraline, ao vê-lo remexer desinteressadamente, com os pauzinhos, o prato de lentilhas.

Já tinha vindo assim desde que o eléctrico 127 o trouxera do parque Cavaco van Bos, na sua curta e habitual paragem de entremeio no caminho de casa, para vaguear um pouco no parque, onde normalmente procura reorganizar os pensamentos. Mas não havia pensamentos que não envolvessem aquela misteriosa mulher. Quando chegou ao velho apartamento, num 3º andar da rua Hanne Peerboomgracht, Axel dirigiu-se às estantes do escritório onde procurou com alguma ânsia o livro mais precioso e ancestral das suas quatro décadas de existência. Um livro infantil didáctico, com imagens de peixes de profundidade e de recifes de coral. Folheou-o, sob o brilho da luz cor-de-laranja que perfurava o smog e penetrava ainda pela janela. Os olhos de Axel saboreavam cada página com encanto de criança. As formas e as cores de cada peixe de coral, como se os visse pela primeira vez. Magníficas variedades de peixes-borboleta, peixes-cirurgião, peixes-anjo. E destes, o mais importante de todos, mais elegante de todos, mais raro e esquivo ao olhar humano, o majestoso imperador-fanstasma, *Pomacanthus specularis*, uma espiral hipnótica de linhas negras desenhadas sobre um fundo branco, quase translúcido, flutuando na página impregnada de odores a caril. Aromas que invadem todas as divisões da casa e despertam os receptores olfactivos de Axel, que acorda novamente para o prato de lentilhas.

– Sim, estou bem – responde, num tom vago – estou a pensar... a pensar que precisamos de férias, Coraline. De sair daqui por uns tempos, de voltar a mergulhar, de procurar...

– O imperador-fantasma – completa Coraline, com uma secura que lhe castra o ímpeto – e então e o nosso projecto, Axel? Estás a esquecer-te que esta semana vamos tentar fazer um novo implante? E se tudo correr bem desta vez, achas mesmo que podemos viajar? – Coraline sobe de tom – ou estás assim tão pouco confiante na nossa Cassandra?

– Não Coraline, não. Eu estou confiante. Vamos ter a nossa filha. Ela vai acontecer.

Axel levanta os olhos para os de Coraline. Olhos grandes, fixando-o. Castanhos, amendoados, sobre um rosto miúdo e frágil. Axel e Coraline deixam de lado os pauzinhos, entrelaçaram as mãos uma na outra. Olhos nos olhos, pensamentos avulsos, guardados de um e do outro lado das trincheiras, afundados em lassidão, apoderados de inércia. Muitos anos assim. E assim adormecem também, esta noite, muito abraçados, aninhados um no outro, protegidos. Contra ameaças externas, e contra ameaças internas. Mas o sono, tal como os óleos no pavimento das ruas de Libsterdam, demora a emulsionar-se no consciente inquieto de Axel van Droom. Pairam nele as palavras de Coraline, palavras que não tinham sido ditas. “Além disso, o imperador-fantasma... não existe”, lera-lhe ele nos lábios, quando Coraline emitia sons de outras palavras. “Existe, existe”, responde-lhe Axel, agora, em pensamento, acicatado pelo cepticismo. “Está no meu livro, existe desde a minha infância. Aqui está ele, podes vê-lo agora. Ora vê-o lá, Coraline”. Mas ela já dorme, teima em não acordar, em não assistir à aparição espectacular daquele peixe, que todas as noites surge a nadar no inefável espaço escuro do quarto, meneando-se com movimentos ondulatórios, sinuosos, quase voluptuosos, deixando um rasto de escamas cintilantes ao longo da trajectória. Um trajecto que roça o rosto de Axel, e os seus olhos não acreditam no que estão a ver. O peixe de coral materializa-se nuns pés de mulher. Os pés de Miss Aboughtass. A imagem

desfaz-se em pó sideral e Axel submerge, sob o céu estrelado, no líquido espesso do sono. O despertador tocou uma hora depois.

Capítulo IV – *Cassandra*

– O que acha, Axel? – perguntou-lhe o Professor Ruyah.

– Acho bem – respondeu Axel, enquanto rabiscava num papel, sem a certeza de qual havia sido a pergunta.

A sala de reuniões era hoje ocupada pelos dois, acompanhados de Matt Vanberg e da cabeça de Gertrud F., projectada em holograma no centro da mesa. É ela quem faz o ponto final da reunião.

– Muito bem, avançamos então para o modelo AQ-4.7, incorporando o sistema SAS. Mãos à obra, meus senhores. Vamos mostrar a van Hulm e a todos os anti-sonhadores como reage a Öniröm aos seus ataques: com uma versão ainda melhor do nosso produto.

O holograma esfuma-se na sala. Pelo canto do olho, Matt Vanberg repara na figura miserável de Axel, a esgravatar o couro cabeludo, de cotovelos prostrados sobre a secretária. Tinha recebido uma chamada de Coraline a meio da reunião. “Já sabes o resultado?” Perguntara-lhe Axel. “Não, assim que eu souber, saberás também. Vais receber automaticamente a notícia em mensagem de texto” respondera Coraline do outro lado da linha, e acrescentara ainda “Axel, estou com medo. A nossa Cassandra, quero-a tanto”. “Vamos esperar pela notícia” confortara-a um Axel seguro e calmo, que depois Matt Vanberg vai encontrar no piso 7, soterrado no ambiente brumoso da rookeroom, pub-de-sonhos da Öniröm.

Matt atravessa o soalho de tacos escuros da zona do bar, dirigindo-se à secção de bancos em U, forrados de couro, servidos por uma luz esparsa e amarelenta que recaía sobre as sombras solitárias. Uma delas, a de Axel von

Droom. Sentado com o semblante cifótico de um homem deprimido, com demasiado peso aos ombros, perdido na abstracção fugaz dos vapores aromáticos do cachimbo-de-água, mas nem por isso deixando de dar pela presença de Matt quando este se aproxima.

– Estou a clarear ideias – responde de pronto, à pergunta que Matt não chegou a formular.

– Não estás não. Tu estás é a precisar de ajuda – diz Matt, sentando-se cautelosamente – e talvez estejas sob o efeito do AnnaQuinn neste momento...

Axel sorri com indolência, exalando ácido pelos cantos da boca.

– Diabos te forniquem essa cabeça de latão, Matt – diz num tom anasalado pela fumaça que lhe entope as vias aéreas – isto não é AnnaQuinn, é broca, da antiga, da boa – remata, aspirando mais uma golfada do cachimbo.

Matt sorri. Retira-lhe o cachimbo das mãos. Mede-lhe a pulsação, palpa-lhe os gânglios por detrás da nuca. Axel tem a cabeça tão pesada após a última golfada de fumo que mal reage à análise do seu amigo e nº2 da Öniröm.

– Deixa-me em paz, Matt. Vai dar graxa à Gertrudes, tu isso sabes fazer bem – diz baixinho, toldado pelo efeito do ópio.

– Não é só isso que sei fazer bem – diz Matt, aproveitando para dar também uma passa no cachimbo.

O êmbolo borbulha suavemente com fumos violeta. Por entre o complexo aroma da mistela de psicotrópicos não detecta o sabor acre a maçãs azedas, confirmando assim que não há vestígios de AnnaQuinn na mistura.

– A perda do Ricky afectou-nos a todos. Mas sinto que não é isso que te atormenta. Tem a ver com a Coraline? Com a inseminação artificial?

Axel lança-lhe um olhar sobranceiro, por detrás das pálpebras semi-cerradas, intumescidas pelo ópio. Matt conhece bem Axel, mas não suficientemente bem. Está longe de imaginar que Axel aproveitou o período do almoço para se esgueirar sorrateiramente no gabinete do responsável pela segurança da Öniröm e vasculhar os ficheiros dos clientes. Descobriu a ficha de Gaill Aboughtass, que não tinha sido ainda apagada do sistema, por isso não poderia ser a “Jane Doe” morta no asfalto. Ainda sem conseguir focar-lhe o rosto na fotografia, retirou o número de contacto da cliente e, ainda antes da reunião do Conselho Directivo, enviou-lhe uma mensagem sob a forma de ultimatum para que ela comparecesse “à segunda entrevista” no Zoon van krijger, um pub-de-sonhos discreto da Garretstraat.

– Tu lá sabes o que é uma inseminação artificial, Matt – dispara Axel com sete pedras na mão, mas afrouxando o ímpeto, ao sentir no ombro os dedos frios e aguçados de Matt, como ramificações terminais de um axónio que, mais que as palavras, passam uma informação de apaziguamento por impulsos electroquímicos – tentámos outra vez, estamos hoje à espera de saber o resultado – desabafa, mais calmo.

No final da tarde, depois de quatro primeiras e doze segundas consultas, Axel deslocou-se para o Zoon van krijger no seu velho LX³-2020 tons de bronze corroído, revestido de tubagens de borracha, fixas por anilhas ferrugentas. Já era outra vez permitido o uso de jetpacks em Libsterdam. Quando ela entrou no Zoon van krijger, já o LX³-2020 repousava no vestiário do pub-de-sonhos. Axel estava ao balcão lá ao fundo, com um porto numa mão, a rabiscar distraidamente a base de copos.

– Não fui totalmente honesta consigo – soa a voz da mulher, que faz com que Axel rode a cabeça para ela. Não exactamente para ela, antes para o corpo desfocado de Miss Aboughtass.

– O meu interesse no AnnaQuinn era puramente académico, daí não ter comparecido à segunda entrevista.

– Então, essa frustração de não ser actriz...

– Fui buscar a uma paciente. Uma entre muitos, que vivem dependentes do AnnaQuinn. E sinto que a minha capacidade de os ajudar é cada vez mais limitada.

– Miss Aboughtass, fala do AnnaQuinn como se se tratasse de uma droga.

– E não é?

– Tecnicamente não. Está provado que quimicamente não vicia. Aliás, é suposto o AnnaQuinn ser exactamente o oposto. Ajudar as pessoas, baixar os índices de violência, satisfazer o id, amainar as pulsões da morte.

– Ou seja, uma droga – reafirma Gaill – mas diga-me, estranho local, este, para uma segunda consulta.

– Você mesmo o disse, que não queria uma segunda consulta.

– Então explique-me, o que estamos a fazer aqui? – Diz Miss Aboughtass, com um sorriso irónico, que devagar se transfigura num semblante mais sério.

E assim ficam por uns momentos, sem palavras, frente um ao outro no balcão. Axel deduz-lhe uns olhos rasgados e acutilantes perscrutando-o, à espera do próximo passo.

– Estamos a discordar acerca das virtudes do AnnaQuinn – atalha com um sorriso, aligeirando o ambiente tenso entre os dois.

– Dr. van Droom, eu sou uma psicowhore, o que pode esperar? Lido com gente que escolhe viver neste mundo e não nas suas alucinações paralelas. E você, em que mundo prefere viver?

– Eu também vivo com as minhas escolhas.

– Tem a certeza?

Axel faz uma pausa para responder, tentando não incorporar emocionalmente o ataque dissimulado de Gaill Aboughtass. Resolve atacar de volta.

– Você parece uma Sphynx a falar, Miss Aboughtass.

Ela sorri.

– Por favor, mais uma vez, trate-me por Gaill – diz-lhe, tocando-lhe na mão – e trate-me por tu, Dr. van Droom.

Axel aquiesce, com um gesto de cabeça.

– Tu também, Gaill. Trata-me por Axel.

– Ok, Axel.

Os olhos de Axel lutam para subir para os de Gaill, mas mantêm-se nos lábios carnudos da mulher. Ela retoma a conversa.

– Agora, ideário dos Sphynx à parte, a minha opinião é que o AnnaQuinn pode ser parte de uma solução, mas é em si também um perigo.

– Especifica por favor.

– Disseste-me que há parâmetros que se adicionam *a priori* ao modelo...

– Sim, estão programados no sistema interneuronal artificial que se vai alojar no sistema límbico. Está no microship que fornecemos aos clientes, é como que o disco rígido dos sonhos. Os sonhos, como sabes, são activações dos circuitos instintivos-motivacionais, pulsões do inconsciente que não podemos controlar. Sobrepondo o nosso sistema artificial, o que vamos fazer é condicionar o material dos sonhos aos nossos parâmetros, mas estes servem apenas para a orientar a viagem, na verdade é o cliente quem faz a viagem. As ideias e imagens que afloram do subconsciente continuam a ser importantes. São a matriz, o sumo, por assim dizer.

– Pois, mas é exactamente aí que tenho algumas reservas. Sinto que há demasiada aleatoriedade nos vossos modelos. Quanto maior a liberdade

nos sonhos, maior é o perigo do sonhador se afundar na alucinação e se viciar no AnnaQuinn.

– Bom, o grau de alietoriedade depende obviamente da quantidade de parâmetros que introduzimos no modelo – acrescenta Axel – mas tens que reconhecer que, se fosse tudo controlado pelo nosso sistema, deixaria de ser um sonho, passaria a ser um jogo.

Fazem uma pausa do duelo de palavras e ficam a olhar um para o outro, como dois patetas, duas crianças a disfarçar os verdadeiros sentimentos, escudando-se na esgrima de argumentos de gente séria. Ela beberica do copo de Axel, um gesto que ele considera inusitado e sensual.

– E que jogos preferes jogar, Axel? Caça submarina?

Axel enruga a fronte, siderado com a perspicácia da mulher que o interpela.

– Não, mas gosto de mergulhar. Observar a fauna marinha, peixes do recife de coral.

– O imperador-fantasma, talvez?

Axel recua um passo, as palmas das mãos atordoadas, viradas para cima.

– Como é que sabes tudo isso?

Gaill aponta com o queixo para a base de copos que Axel rabiscara distraidamente, onde está desenhado o peixe de coral.

– *Pomacanthus specularis* – diz Gaill – exactamente o mesmo desenho que estava no teu bloco de apontamentos, durante a entrevista. Algo me diz que já estamos no reino da obsessão, parece-me que alguém aqui sofre do complexo de Golconda – diz-lhe num tom sarcástico, exibindo-lhe a língua entre os dentes.

– Incrível reconheceres o imperador-fantasma através de um desenho esquemático.

– Muito fácil. Também eu faço mergulho e também me falta esse cromo na caderneta. Pelo que sei, é endémico de uma ilha tropical, a Vanilland, que faz parte do atol de Mönnikoog.

– Eu sei, já pensei em lá ir várias vezes.

– Quem sabe podemos um dia ir juntos.

Axel sente uma vibração no corpo. Acabara de receber uma mensagem.

– Só um momento – diz-lhe, e dirige-se ao WC.

Entra num cubículo, respira fundo, dá umas instruções mentais ao intercomunicador, que projecta a mensagem diante dos seus olhos. A mensagem era da clínica. Há um momento, uns segundos para assimilar. E depois, todo o smog de Libsterdam lhe assoma aos olhos, não conseguindo evitar um derrame torrencial de lágrimas pelo rosto. Suspira fundo, por fim, antes de reentrar na zona do bar. Lá estava Miss Aboughtass de costas, entre neones, cachimbos borbulhantes e aromas a maçãs azedas. Fácil identificá-la, ela era o ponto de fuga para onde convergiam todos os olhares dos homens. Aqueles que ainda estavam sóbrios, que ainda não viajam nas suas vidas paralelas, com os pulmões acabados de se esvaziar de fumos violeta, carregadinhos de neurotransmissores.

Axel aproxima-se e Gaill volta-se para ele. Nota-lhe logo a súbita transfiguração do semblante.

– Que foi, Axel? Estás bem?

Ele acena que sim com a cabeça, mas não consegue tirar os olhos do chão.

– Hey, que cara é essa? Olha para mim Axel.

Axel levanta a cabeça mas o olhar dele continua posto noutra lugar.

– Não, nos olhos Axel. Na verdade, nunca me olhaste nos olhos. Tens medo que eu te leia os sinais? Do que é que tens medo?

Axel inspira fundo.

– Axel, peço-te. Olha-me nos olhos.

Parte 2

Capítulo V – *Mönnikoog, dia 1*

O hidroavião mareou nas águas cristalinas do atol de Mönnikoog, quando já o sol fazia a sua cama. A ilha era pequena, uma lingueta de areia plantada no oceano, com a bacia azul-turquesa a estender-se até ao halo da barreira de coral. E do outro lado da barreira, um azul-escuro profundo, com todas as perigosidades do mar a cercar a ilha paradisíaca. Com os corpos cansados da longa viagem, mas com grande excitação na alma, o casal foi encaminhado para o bungalow debaixo dos coqueiros junto à praia. Já não era dia para banhos, até porque mal se conseguia ver o que se passava por debaixo da transparência das águas, mas depois de guardarem as malas e matarem a sede com uma água de côco, ela não resistiu a ir molhar os pés à beira-mar.

– Axel! Axel!

O grito dela inquietou-o. Levantou-se num ímpeto da espreguiçadeira e juntou-se à mulher em êxtase, aos saltinhos na água, que apontava para um corpo marinho que nadava junto à costa.

– Que foi, Coraline?

– Ali, olha! Um *black tips* bebé!

O pequeno tubarão nadava por ali, rondando os pés do casal que se abraçou romanticamente, projectando o fascínio que se antevia para os próximos dias. Ainda não tinham começado a expedição e já estavam

maravilhados quando passaram a primeira noite no bungalow. No dia seguinte, a primeira excursão de mergulho não desiludiu. Só à volta da ilha, extasiaram-se com a variedade e vigor dos “esqueletos marinhos” que albergavam toda uma diversidade de esponjas, ouriços-do-mar e coloridos peixes de recife. Peixes-cirurgião, peixes-borboleta e peixes-papagaio, vivendo na magnífica arquitectura de pilares e mesas de carbonato de cálcio, formas de cérebro, de leque e de chifres de veado, ocultando peixes-anjo e *picassos triggerfish*. Peixes-leão e moreias-leopardo no fundo do mar, e até um *Napoleon wrasse* à distância de um braço. Ao largo, alguns grandes pelágicos. Um cardume de barracudas e o movimento lento, angelical, das barbatanas de uma majestosa manta.

Ao jantar concordaram que tinha sido um dia em cheio. Haviam já coberto uma grande diversidade de peixes, até um peixe-imperador mas, até ao momento, nenhum imperador-fantasma. Deitaram-se abraçados, aninhados em concha, sob o brilho lunar que entrava pela janela, ouvindo lá fora o som do mar e do vento suave nas palmas dos coqueiros.

– Ainda bem que deixaste a Öñiröm – souu a voz de Coraline, baixinho, em tom de desabafo.

– A vida é assim, feita de escolhas – respondeu Axel, no mesmo tom – estás feliz? – Perguntou-lhe, depois de uma pausa.

Coraline respondeu sem palavras, aconchegando-se mais em Axel, cujo olhar estava posto lá fora, a observar a lua através da janela. O cansaço e o peso da humidade relativa abateram-se sobre a amálgama de pensamentos, qual mosquito capturado nas pétalas de uma planta que, lentamente, começam a fechar-se uma na outra.

Capítulo VI – *Libsterdam*

O segundo toque do despertador trouxe Axel de volta, com o sabor a maçãs azedas a perdurar-se ainda na boca. Levantou-se do sofá do escritório e quase pisou o cachimbo-mágico quando foi tomar um duche rápido, já meio atrasado para a reunião das nove e trinta.

– Todos lamentamos imensamente a trágica perda do Professor Ruyah... – Diz o holograma de Gerturd F. no centro da mesa – e quando estávamos ainda a recuperar da morte do Ricky Ribera. É mais um golpe duro na Öniröm, enquanto os Sphynx continuam por aí à solta, gozando com a Politiestaat como bem lhes apetece. Van Hulm mantém-se um mistério e um quebra-cabeças para a polícia, com o único objectivo de nos desmoralizar... de tornar Libsterdam numa selvajaria urbana! Mas nós não vamos deixar isso acontecer. Repito – e o holograma produz um grito estridente e assolador – nós não vamos deixar isso acontecer!!!

Faz-se um momento de silêncio. Os membros da Öniröm, à volta da mesa oval, numa pose de pesar e respeito. Até Axel se abstém de rabiscar a folha de papel na sua frente. O nome de van Hulm funciona como um antídoto para o despertar dos mundos abstractos, onde tantas vezes se refugia. Algo naquele nome lhe faz moossa. E então a voz de Gertrud F. retoma a conversa num tom mais calmo.

– Dizem que ninguém é insubstituível. Pois bem, o mesmo se aplica ao nosso *Magister*, Nico Ruyah. Confesso que foi difícil encontrar a pessoa certa para o seu lugar. Mas chegámos, na reunião de ontem do Conselho

Directivo, a um veredicto. Meus amigos apresento-lhes a nova psicóloga-chefe da nossa empresa: Miss Gaill Aboughtass.

Gaill levanta-se do seu cadeirão, numa das pontas da mesa oval e todos a aplaudem. Com um sorriso confiante, e emoldurado nuns majestosos cabelos doirados, o olhar de Gaill ancora nos os olhos de Axel, que estão por sua vez fixos nos dela.

Com o final de mais um dia de trabalho, no percurso do SlangTram 127 tudo fluía normal em Libsterdam, que resistia em sucumbir ao estado de sítio, dado o conflito aberto entre os Sphynx e a Öñiröm. No trajecto para casa, Axel faz a sua paragem habitual das sextas-feiras na Hanne Peerboomgracht. Quando Coraline ouve tocar à porta, já sabe que é Axel que chegou para vir buscar a Cassandra.

– Ela já comeu – diz-lhe Coraline, passando-lhe a criança para o colo – toma, tens aqui a cadeirinha para anexar ao jetpack.

– Obrigado, mas não é preciso. Hoje estou de tram – responde Axel.

As pernas estremecem sempre um pouco, quando volta a dar as costas à casa onde viveu tantos anos, onde sente que uns olhos amendoados o seguem, encovados num rosto lívido e triste. Um rosto que conhece melhor do que as intrincadas linhas de eléctrico desenhadas na palma da sua mão. Melhor do que as pernas de mulher que se dirigem ao mesmo tempo que ele, à hora certa, para o pequeno sotão da N° 12 da Vondelstraat, uma transversal da avenida Damtagusrak. As pernas nuas, esculturais da mais recente psicóloga-chefe da Öñiröm, estendidas na cama de molas ferrugentas que minutos antes rangeram com lasciva sofreguidão. Um dos joelhos ligeiramente soerguido, onde pousa a mão que segura o bocal do cachimbo-de-água.

– Sei que não é suposto falarmos de trabalho, mas... – Diz-lhe ela, ao aspirar uma golfada do cachimbo. Os contornos do corpo curvilíneo

recortam-se no contra-luz da janela que ocupa o quarto em toda a largura. Um quarto velho, com papel de parede de tons verde claro entrançados em verde escuro tal como as pernas de Gaill se enleiam uma na outra. Axel não se cansa de as mirar, elegantes e sinuosas a terminar nuns pés que o convidam a descer novamente sobre ela, e acariciar-lhe com a língua os canteiros mais recônditos do corpo.

– Podes continuar a falar... – Intervém Axel com um esgar trocista, enquanto se escapa para a divisão do lado, onde o berço de Cassandra continua silencioso. “O anjinho continua a dormir”, pensa ele, afagando-lhe o rosto. Gaill abraça-o por trás e beija-lhe o ombro. Axel trá-la para a sua frente e aspira-lhe a magnífica cabeleira loira, solta em canudos rebeldes.

– Ok, registo que não queres falar de trabalho e respeito isso – diz ela, docemente – mas há um assunto que há alguns dias me anda a atormentar. É sobre uma antiga cliente minha. Procurei-a nos registos da Öñiröm mas não a encontrei em lado nenhum.

– E devia lá estar?

– Claro que sim. Ela era viciada em AnnaQuinn, obcecada com a ascensão meteórica que vinha fazendo como actriz na sua vida paralela. Infelizmente morreu no dia do atentado que também vitimou o Dr. Ribera.

“Seria ela a tal mulher na foto?” A mente de Axel voa para o dia em que o detective Pijp o voltou a inquirir.

O Professor Ruyah acabara de se assassinado, mas Arjen Pijp, com o rosto ainda mais efeminado que no primeiro inquérito policial, unhas pintadas de negro, olhos ornamentados com uma linha de rimel, projectou um holograma com um gráfico de barras que Axel reconheceu de pronto.

A figura esquelética de ombros estreitos, enfiados num viril casaco de cabedal, detinha-se nos olhos de Axel, incitados a interpretar o gráfico.

Eram os valores dos índices AMG relativos a um período que englobava o dia do atentado que vitimara o Dr. Ribera.

– Pensava que estávamos aqui por causa do Professor Ruyah.

– Também – respondera Arjen Pijp – mas diga-me só o que acha destes valores.

– Os AMG médios estão dentro do esperado. Não há sobre-excitamento de amígdala cerebelosa nos clientes da Öñiröm ao longo de todos esses dias – disse Axel.

– Não olhe para a média, Dr. van Droom, olhe para a variância. Que acha em comparação com os meses anteriores?

– São também normais – saiu-lhe numa voz mais tensa, o que suscitou uma atenção redobrada do olhos de Arjen Pijp.

Uns olhos inexpressivos, por vezes lânguidos, mas imbuídos de uma inquestionável autoridade.

– Imagino que já tenha colocado esta questão a Matt Vanberg – continuou Axel, num tom mais controlado – é ele quem faz a monitorização dos índices AMG. O que posso dizer é que a nossa política é cessar imediatamente o contrato com os clientes que não respeitam as normas do sono. A Öñiröm ajuda a luta contra a violência, Sr. Detective, não a promove. É um facto cientificamente provado.

– Sim, eu sei. O “complexo de Golconda” – concluiu o detective num tom impassível, enquanto fazia a suas anotações no bloco digital.

Axel identificou uma certa dose de causticismo naquele tom frio, aparentemente neutral. Depois de Gaill, era agora a vez do Arjen Pijp revelar algumas dúvidas quanto aos efeitos do AnnaQuinn.

– Sr. Detective, permita-me esta questão. O que é que significa para si o complexo de Golconda? – Questionou-o Axel em tom de desafio.

Arjen Pijp pensou dois segundos, depois levantou os olhos para Axel.

– De acordo com a definição, do infelizmente desaparecido Professor Nicholas Ruyah, o Complexo de Golconda é uma incontável fome do ego. A necessidade do cidadão comum realizar todas as suas potencialidades genéticas, levando-os a um estado de pressão insustentável, com um exacerbamento nas pulsões para a morte. Daí advogar-se que, se não forem controlados, os cidadãos de Libsterdam tendem naturalmente para o estado de violência. Correcto?

– É mais ou menos isso – respondeu Axel, baixando os olhos derrotados para o tampo da mesa. No fundo ele sabia porque é que o detective Pijp continuava a bater na mesma tecla. Faltava perceber porque é que um simples holograma no céu, por mais assustador que fosse, bastara para despoletar tamanho episódio de descontrolo e pânico colectivo, vitimando tantos cidadãos em Libsterdam. “Algo mais haveria ali para tirar a limpo”, era o que dizia o nariz andrógino de Arjen Pijp, assim pensam os olhos de Axel postos no tampo na mesa. Uma mesa onde surge uma pannenkoeken e uma cerveja artesanal, e onde outra voz retorna para o acordar.

– Axel? Axel! Estás-me a ouvir?

– Sim? – Responde Axel.

Gaill está na sua frente, com um copo na mão em riste, pronto a brindar. Por detrás do copo, o olhar de Axel torna a focar-se no decote generoso que Gaill caprichou para este jantar especial.

– Não estás aqui, Axel. Por onde voas tu?

– Estou aqui – responde ele.

– Não, não estás. Eu sei o que tu tens, eu já te conheço.

Axel diz que não com a cabeça, mas Gaill continua no mesmo tom.

– Estás triste, e eu sei porquê. Foi porque estiveste com a Coraline. Sempre que lá vais ficas assim, não vale a pena tentares disfarçar.

– Desculpa-me, é por causa da Cassandra. Este elo em comum torna o clima mais pesado e por vezes perturba-me – desabafa Axel.

Gaill pega na mão dele sobre o tampo rústico da mesa. Axel olha-a, encavacado, mas Gaill corresponde com um sorriso. Depois retira algo da mala que coloca também sobre a mesa. São dois bilhetes de avião. Duas passagens com destino a Vanilland. Axel volta a fitá-la e os olhos de Gaill sorriem-lhe com uma franca doçura.

– Para te animar, meu amor. Vamos a Mönnikoog. Vamos procurar o teu, o nosso, imperador-fantasma.

Axel acena com a cabeça e sorri. E através dos olhos de Gaill imagina os olhos de Coraline, os olhos que tivera de enfrentar nesse dia. Magoados, feridos, mas fortes. Qual parede de coral que contém as águas profundas do outro lado da barreira. E também ele segura as lágrimas no rosto enquanto observa a bela mulher na sua frente.

– Sim, vamos a Mönnikoog.

Capítulo VII – *Mönnikoog, dia 2*

Um tubarão-baleia, planando nas águas quentes de Vanilland, tinha sido o ponto alto da última excursão de mergulho. Coraline nadara junto dele com extrema elegância. Sempre foi uma excelente mergulhadora e, graciosamente, interagiu com o gigante marinho numa espécie de dança. Já Axel nadava um pouco mais ao largo, com um olho no azul-escuro profundo e o outro nas águas transparentes junto ao recife, onde uma algazarra de peixes-borboleta escapava às investidas de um cardume de *jackfish*. Onde peixes-palhaço se refugiavam nos dedos sedosos das anêmonas e peixes-pedra se camuflavam nos padrões coloridos do coral.

Quando o casal mergulhador deu à costa, despiram as barbatanas, o equipamento de mergulho e sentaram-se na fina areia branca, percorrida por búzios que se deslocavam à velocidade possível de autocaravanas conduzidas por caranguejos-eremita. Coraline interceptou um dos búzios. Pegou nele para mostrar a Axel o caranguejo que se escondia no seu interior. Mas Axel fitava o horizonte com um olhar melancólico.

– O que tens?

– Não tenho nada, Coraline.

– Não foi bom, o dia?

– Foi muito bom, foi excelente, vimos um tubarão-baleia...

– Só faltou o imperador-fantasma – completou Coraline – mas vamos encontrá-lo. Não vais ficar triste por causa disso.

Axel não estava triste por causa disso. Mas sim porque tinha finalmente descoberto onde estava. "No meu próprio sonho", pensava Axel,

“numa das minhas vidas paralelas. Quem é que eu quero enganar? Vicieime em AnnaQuinn e aqui estou, preso em Mönnikoog. Numa ideia de Mönnikoog. Eventualmente encontrarei o imperador-fantasma, mas encontrá-lo-ei mesmo? De que vale tudo isto?”

Percebeu então que o inimigo natural da Öñiröm não são os Sphynx. O verdadeiro inimigo são as pessoas que, lá no fundo, se questionam se será mesmo necessária uma infinidade de vidas alternativas. Seremos mais livres, mais realizados, mais completos, se tivermos na mão todas as escolhas? “Em parte somos feitos das escolhas que fizemos”, lembrou-se das palavras do Professor Ruyah, “mas, sobretudo, das que não fizemos”.

Foi uma noite sem luar. Depois do jantar, Axel e Coraline sentaram-se na areia frente ao bungalow, sob a dança slow dos coqueiros, a admirar o céu repleto de estrelas.

– Ali – apontou Axel para cima – é ali a constelação Alfa-Centauro.

– Mostra-me a Cassiopeia – pediu-lhe Coraline com os olhos inundados de estrelas.

Axel pegou-lhe no braço e orientou-o na direcção dos corpos celestes que desenham a forma de um W. O olhar dele, no entanto, continuava imerso numa melancolia difícil de contornar. Coraline conhecia-o há demasiado tempo.

– A sério, Axel, o que é que tu tens? – Perguntaram-lhe uns olhos mendicantes – por favor, diz-me o que é que tu tens.

Capítulo VIII – *Libsterdam*

Um estrondo acorda-o de rompante. Alguém acaba de arrombar a janela grande do sótão. Uma horda de operacionais equipados de jetpacks, capacetes e fatos anti-bala, voam-lhe casa adentro. O cachimbo-mágico quebra-se no chão. Um deles mostra-lhe o distintivo da Politiestaat, os outros apontam armas com miras de infravermelhos que esquadrinham todos os recantos do espaço apertado, infestado ao cheiro de maçãs azedas.

– Onde é que ela está? – Pergunta-lhe um dos homens no tom metalizado que sai do capacete.

– Quem?

– Gaill Aboughtass. Procuramos Gaill Aboughtass!

– Ela não está aqui – tenta explicar-lhes Axel, com os olhos extremunhados, lutando contra os efeitos do AnnaQuinn.

Soa uma voz feminina no piso de baixo e os operacionais fazem sinalépticas uns ao outros.

– Não! – Suplica-lhes Axel, sem tempo de os impedir de descerem as escadas e esbarrarem com uma porta trancada ao fundo do corredor.

Porta que se apressam a arrombar. É a casa de banho e lá dentro, enrolada numa toalha, com os cabelos molhados, está uma rapariga de treze anos. Os olhos dela enchem-se de horror, ao depararem-se com a barreira de homens de metralhadora em riste. Eles entreolham-se, intrigados, quando Axel consegue irromper por entre os operacionais e interpor-se entre eles e a rapariga.

– Pai! – Grita Cassandra.

– Tem calma, isto é um engano. Eles já se vão embora, vai-se tudo resolver.

Pouco depois Axel foi interrogado na sala de estar, mas acabou por ser libertado após a intervenção de Arjen Pijp, que chegou ao local para serenar os ânimos, pedindo desculpa a Axel pelos excessos da operação.

– Não digas nada à tua mãe, por favor – pediu a Cassandra, ao deixá-la na escola.

– É só isso que te importa? O que a mãe vai pensar? Eu podia ter levado um tiro! – Protesta Cassandra – acho que mereço saber o que se está a passar, pai!

– Quem me dera a mim saber. Mas ninguém te vai fazer mal, filha. Prometo-te.

Mais tarde, no pub-de-sonhos da Öñiröm, Matt Vanberg dispõe-se a esclarecer o neuro-modelador da empresa.

– Eles descobriram-na, Axel. Miss Aboughtass trabalha para os Sphynx.

– Não pode ser – responde Axel, sem poder adiantar pormenores da sua vida privada. Para todos os efeitos ninguém na Öñiröm saberia da ligação amorosa que o une a Gaill.

– Pode sim. A polícia descobriu que ela mantém uma relação secreta, uma ligação a van Hulm. Andou a espiar os meus ficheiros. E nós deixámos que tudo isso acontecesse. A Gerturd F. está pior que estragada.

– Matt, isso é impossível! – Replica Axel, exaltado.

– Não, Axel, não é – apronta-se Matt a acalmá-lo, com os seus dedos de axónio – eu sei o que tu vais dizer, sei o que estás a pensar. Mas tu és apenas mais um amante, um entre outros. E ela está a usar-te, cedo te usou para sugar-te informação da Öñiröm. Ela é uma psicowhore, Axel, sabe

jogar com o teu id, manipular-te as vontades. Lamento dizer-te isto assim, mas não me sinto teu amigo se continuar a ocultar-te a verdade, agora que estamos tão próximos do fim À politiestaat só resta descobrir em qual dos amantes de Miss Aboughtass se esconde a cabeça do polvo.

Axel ri-se.

– Eu dou-te já a resposta, Matt. Em nenhum amante. Eu conheço a Gaill, e eu não estou doido – Axel levanta-se do banco de couro, visivelmente aturdido – se me permites, vou voltar para o meu gabinete, porque esta conversa lembra-me quão importante é o nosso trabalho para a redução do crime em Libsterdam. A avaliar pela forma como funciona a politiestaat, estávamos bem fodidos sem o AnnaQuinn.

O dia de trabalho teve contornos de grande inquietação. Axel não descansou enquanto não voltou a falar com Cassandra, ao final da tarde. Foi buscá-la à escola e deixara-a em casa de Coraline, a sua antiga casa.

– Não acredito que penses isso, que a Gaill era capaz de uma coisa dessas – disse Axel a Cassandra, à ombreira da porta do quarto da filha. O quarto que fora em tempos o seu escritório na Hanne Peerboomgracht.

– Ela que te conhece desde o teu berço – continua Axel – que sempre foi tua amiga, e tudo o que fez por ti apesar de seres tão difícil. Não és mesmo capaz de lhe dar o benefício da dúvida?

Cassandra aquiesce, combalida, com os olhos postos no chão.

– Vá lá, dá um abraço ao pai – pede-lhe Axel, curvando-se para receber Cassandra nos braços.

Cassandra cede ao abraço e as suas lágrimas humedecem a face de Axel. Ele olha-a nos olhos, os olhos que Cassandra herdou da mãe. Coraline espreita-os discretamente a partir do hall da casa. E depois despede-se de Axel com um ligeiro acenar de cabeça, fechando a porta quando ele

finalmente a atravessa, com uma passada dolorosa, lenta, carregando o peso do passado. Uma porta que, mesmo quando se fecha, parece permanecer aberta, para que Axel possa, um dia, voltar a entrar.

À noite, recostado na cama de molas enferrujadas, enfiado no escuro do sótão da Vondelstraat, Axel acomete o olhar introspectivo em deambulações labirínticas que não o levam a lado nenhum. Pensa em Gaill. Durante todo o dia ela não respondeu às chamadas. “Onde está Gaill?”. Assaltam-lhe a mente várias dúvidas, corrosivas dúvidas. Olha por cima do ombro, para a mesa-de-cabeceira, onde repousa o habitual cachimbo-de-água. Por momentos refreia o gesto de mão, que tende a ir ao cachimbo, mas a vontade de AnnaQuinn leva mais uma vez a melhor. Porém, a saqueta com AQ-4.7 encontra-se vazia, tem que ir buscar mais ao boião de vidro da cozinha. E é isso que faz. Desce as escadas forradas pela carpete grená e dirige-se à bancada onde nessa manhã fora submetido ao inquérito policial. Afasta da mente essa memória desagradável, enquanto arrasta para si o boião com saquetas de chá, onde guarda também as de AnnaQuinn. O gesto entorpecido quebra-se ao reparar na maquineta emissora de hologramas que jaz naquela zona da bancada. “O projector de Arjen Pijp” pensa Axel. Tê-lo-ia deixado ali aquando do interrogatório. E seguramente que o deixou de propósito. “É uma mensagem para mim”, pensa Axel. Liga-o e um holograma é projectado sobre a bancada. O holograma de um corpo feminino, torneado, elegante, o corpo de Gaill.

– Sim, sou eu Axel – diz-lhe o holograma – e se estiveres a ver isto é porque já terá sido tarde demais. Pus o dedo na ferida, Axel. Descobri os planos secretos da Öniröm, quando procurava pelos registos da minha antiga cliente. Não é por acaso que foi apagada do sistema. Ela fazia parte de uma experiência que estava a ser desenvolvida aquando do dia do atentado. Era um programa secreto do Estado, em cooperação com a

Öniröm, que visava um controlo mais apertado da população de Libsterdam, através do condicionamento mental. Certamente estás ao corrente do sistema SAS que ia ser incorporado na versão AQ-4.7. O que não sabes é que essa versão teria um dispositivo de partilha, que permite o mecanismo de sonhos em rede. Ou seja, agentes da politiestaat poderiam no futuro ter acesso aos nossos sonhos e interagir nas nossas vidas paralelas. Ricky Ribera estava por dentro deste programa e ele próprio se voluntariou para a experiência. Ele, Matt e uma terceira pessoa, uma mulher, cliente da Öniröm, e atriz de sucesso na sua vida paralela, com o nome de Tharlize Cheron. A experiência decorreu no pub-de-sonhos da Öniröm. Com a orientação de Matt Vanberg, sentaram-se os três num dos bancos em U e tomaram o AQ-4.7. Seria um teste simples de interacção, para estudar como é que os parâmetros de um sonhador se interligavam com os dos outros no sonho colectivo. Mas Matt só não contava com a possibilidade da ocorrência de “parassonias” durante o sono colectivo. Quando deu por si, estava sozinho na rookeroom. Ricky e “Tharlize” já tinham subido ao último piso da Öniröm e, sonâmbulos, sob o efeito do AnnaQuinn, saltaram do topo do edifício. Pouco depois deu-se o terrível incidente do holograma sobre a Rossioplein. Atentado dos Sphynx? Não Axel, o holograma já foi para encobrir este caso, mas eu descobri-os. Como? Usei o meu talento de psicowhore numa conversa com Matt Vanberg. Apanhei-o num momento de fraqueza e penetrei-lhe o disco rígido do córtex pré-frontal, onde lá estava o *log* do dia da experiência. Eles tentaram apagar tudo isto dos registos, mas eu descobri, Axel. É por isso que me montaram uma armadilha, associando-me aos Sphynx. Felizmente há alguém que está do meu lado, o detective Pijp, que me ajudou a fugir de Libsterdam. Fugi para o nosso local especial, onde nunca chegámos a encontrar o que procurámos. Eu espero por ti,

ansiosamente, neste nosso refúgio. Vem, vamos ser felizes. Vem ter comigo, Axel.

E o holograma esfuma-se devagar, restando o silêncio, o vazio. Um vazio que se apodera de Axel. De um lado Gaill, do outro Matt Vanberg. De um lado a Öñiröm, do outro os Sphynx. De um lado, uma verdade, e do outro lado, a outra. Matt sempre foi o seu melhor amigo dentro da empresa, enquanto Gaill é, simplesmente, Gaill. E ele, onde é que ele, Axel van Droom, se posiciona?

“Como raio acabei por ser um mero fantoche neste jogo? Este jogo enredado, inexpugnável, confuso. Quem sou eu neste jogo?”

No dia seguinte, com as pálpebras pesadas de uma noite pouco dormida, Axel segue no seu LX³-2020, ao longo de um corredor aéreo por cima da Damtagusrak, rumo à Öñiröm. Mais do que o destino de mais um dia de trabalho, a empresa dos sonhos será hoje palco de mais uma incursão clandestina de Axel pelos registos de Matt Vanberg. A segurança estará hoje, certamente, reforçada, mas Axel nada receia. Algo nele lhe diz que, mais do que neuro-modelador, nasceu para violar e piratear sistemas informáticos. Axel quer é saber o que se passa, meter as mãos na massa, em vez de continuar a ser um brinquedo nas mãos dos outros. É isso que está determinado a fazer. Mas o tráfego matinal não ajuda e fá-lo circular lentamente, ele que não tem paciência nem destreza para pára-arrancas de jetpack. Mas dá conta de alguém que se aproxima com *slalons* rápidos e manobras ágeis, furando por entre as filas aglomeradas de voadores. Axel olha por cima do ombro, para o seu lado esquerdo, e para o lado direito. Em cada um dos lados encontra um destes voadores, os dois de cabelo comprido e vestidos de negro. Sorriem-lhe ambos, com um sorriso sinistro, em jeito de provocação. Sem abrir a boca já tinham dito tudo. “Sphynx”, pensa Axel. “O que querem eles de mim?”. Apesar da eloquente explicação

de Gaill, não era agradável estar a ser abordado pelos Sphynx. Era, aliás, tão medonho quanto o facto de já não saber em quem poderia confiar. De uma forma ou de outra, Axel tenta afastar-se da companhia inesperada, reduzindo a velocidade do jetpack, deixando-se ficar para trás. Mas eles reduzem também a velocidade, voltando a alinhar-se com Axel, com os mesmos olhares de soslaio, e o mesmo sorriso ostensivo estampado nos rostos. Percebe então o que se passa. Acaba de ser capturado pelos Sphynx. Não adianta estrebuchar. Deixa-se levar, ao longo do corredor aéreo, ladeado pelos dois homens, que o encaminham para uma saída apertada, a desembocar no parque Cavaco van Bos. No parque sempre fora proibido o uso de jetpacks, pelo que os Sphynx e Axel aterram com suavidade e seguem a pé pelos circuitos verdejantes até uma zona mais abrigada, junto a uma velha fonte de pedra, toldada por uma densa vegetação arbustiva e copas de carvalhos-roble. Uma zona que Axel até conhece bem, é lá onde amiúde se refugia para as reflexões pós-laborais. Chegam à fonte, mas os Sphynx mantêm-se em silêncio, e Axel na expectativa, até que mais três vultos negros, com cabelos pelos ombros, começam a surgir por detrás das árvores. Rodeiam Axel, que se vê confinado a encostar-se ao velho muro de pedra. É ele quem se antecipa a dirigir-lhes a palavra.

– O Ricky... O Professor Ruyah... Foram vocês?

– Porque não te perguntas a ti próprio? És a melhor pessoa para responder – responde um dos que saiu de uma das árvores, alto e encorpado, com cabelos de um tom vermelho-sangue sobre uma pele escura e uns olhos afiados de ave de rapina.

– Acreditem que se há aqui alguém baralhado sou eu. Trabalho na Öniröm, mas pelos vistos pouco sei do que lá se passa. A minha cabeça é um emaranhado confuso de neurónios. Eu já nem sei... Já nem sei quem sou.

– Isso não é difícil de acreditar – diz o Sphynx com ácido desprezo – andas tão pedrado em AnnaQuinn que é natural nem te recordares quem és. Ou antes, quem eras. Quem eras antes de te teres tornado um traidor.

– Como assim? – Pergunta Axel, com suores frios a ensopar-lhe a nuca e as mãos trémulas, à medida que os homens se aproximam, com olhares que parecem atravessá-lo de um lado ao outro.

– Já não te viamos há muito tempo. Nós, que te seguimos contra a imposição dos mundos alternativos, contra o engodo do complexo de Golconda, contra a ditadura do AnnaQuinn. Fizeste-nos acreditar que podíamos libertar Libsterdam deste jugo manhoso e invisível, desta escravidão! Depois acreditámos que eras o nosso agente infiltrado dentro do sistema, mas rapidamente percebemos que passaste para o outro lado. Deixaste-nos à deriva, sem orientação.

Axel é assomado por uma pontada no peito e cai de joelhos no chão. Sem mostrar piedade, o homem debruça-se sobre ele, mostrando-lhe uns dentes felinos, com um esgar de raiva.

– És um traidor, Axel van Hulm!

Capítulo IX – *Mönnikoog, dia 3*

Uma raposa-voadora cruza o azul imaculado com um bater de asas amplo, fluido, silencioso, sem um vestígio de vento, sem pitada de atrito, parecendo flutuar, apenas, no vácuo que preenche todo o campo de visão. Axel observa o morcego diurno, deitado de costas na areia, com braços e pernas soltos, cada um para seu lado, como que perdidos na praia. Uma sombra cresce-lhe sobre o rosto. É Coraline que se aproxima, debruçando-se sobre ele.

– Não queres vir à água? Ainda hoje não fizemos a nossa campanha.

– Não tenho vontade – responde Axel.

E não tinha mesmo. Vontade nenhuma, de nada. Apenas de estar ali naquela espécie de sonho. Pois, sabia perfeitamente onde estava. Preso àquela realidade paralela, refúgio de toda uma espécie de sentimentos que não sabia dominar nem como os triturar na sua outra vida. Sentimentos, dúvidas, que o consumiam. A ele, Axel. Axel van Hulm.

Coraline dá meia volta e é agora a vez de um caranguejo cirandar ali em torno de Axel. Um Bernardo-eremita, como lhe chama Coraline, que tem mais formação nestas coisas. Caranguejo ou Bernardo, o denominador comum é eremita. Bicho engenhoso, com um quê de farsola. Búzio andarilho, concha com patas. Decápode cobarde a servir-se de concha de molusco. A viver sob uma falsa identidade, a extorquir a habitação de outrem, alguém que já não existe em vida para reclamar a apropriação daquela obra que levou meses a construir. Bichinho engenhoso, mas bicho ridículo, este. Na realidade, não muito diferente de Axel. Ele que roubou

também um nome, a identidade de alguém que felizmente ninguém conhece. Axel van Droom. Contudo, Axel não se lembra de ter roubado este nome. Na verdade não se lembra mesmo de nada, está em absoluto estado de letargia, descrença, lassidão. Não lhe agrada a ideia de deixar Coraline sozinha a explorar o mar, mas está pregado ao chão, enterrado como em areias movediças; impossível soerguer-se da areia, levantar-se para a proteger. Mas bem vistas as coisas, quem iria proteger? Não Coraline, apenas uma ideia de Coraline. Uma Coraline que não conseguiu largar nesta vida paralela. Uma Coraline que lhe pesa no subconsciente. Como é possível sentir-se o peso no mundo dos sonhos? Que peso é este que nos esmaga os ossos com inefável força gravítica? Não, é altura de contrariar. Munindo-se de uma adicional força de vontade, Axel levanta-se e dirige-se ao bungalow para apanhar o equipamento de mergulho. “Vou surpreender Coraline no mar”, pensou. Mas o corpo dela não está no mar, Axel encontra-o espreado sobre a cama. Inerte, mas não morto. Apenas deprimido, assim o descobriu Axel ao transpor a porta do quarto.

– Coraline?

– Sim? – Coraline roda a cabeça para Axel. Não está a chorar, mas o tom de voz e a expressão no olhar é de um estado de espírito apreensivo.

– Pensava que já tinhas ido – diz-lhe Axel, recuperando do susto e o regular o batimento cardíaco, provocados por um não sei quê que a imagem de Coraline, estendida na cama, lhe transmitiu.

– Não, estava à tua espera – responde-lhe.

Vão de mãos dadas na direcção da praia. E encaminham-se para o pontão, que se estende longos metros mar adentro. Ao fundo do pontão acumula-se um grupo de pessoas, mergulhadores e *snorklers*, que procuram naquele sítio o ponto de partida para excursões de mergulho à volta da ilha. Enquanto percorrem as madeiras do pontão Axel e Coraline revigoram a

vontade de mais uma procura do imperador-fantasma. E já com um certo entusiasmo, o entusiasmo que tantas vezes os uniu no passado em aventuras do género, furam a multidão e acercam-se da borda da plataforma onde vestem o equipamento de mergulho e vão para as escadas recobertas de verdete, que se afundam no mar, cristalino à superfície, azul escuro no fundo. Descem as escadas, primeiro Caroline, depois ele. Mas no instante em que entra no mar, Axel repara uns pés de mulher, na borda do pontão. Uns pés descalços, com unhas pintadas em tons vermelho-sangue. Uns dedos não demasiado roliços, nem demasiado ossudos, e impecavelmente modulados uns nos outros, compondo um pé de formato egípcio, equilibrado, perfeito. É o pé direito, e é o pé esquerdo, de Miss Gaill Aboughtass.

Corais cérebro, do género *Favia* e *Platygyra*, corais em forma de mesa, do género *Acropora*, de nada disso Axel se lembra de ter visto. Coraline chamava-o à atenção, com sinais subaquáticos, para os *titan triggerfish* e as tartarugas marinhas tomando o pequeno almoço no manto de algas verdes entre o recife e a costa. “Vem ter comigo a Mönnikoog, estarei à tua espera”, dissera-lhe o holograma de Gaill. E ali estava ela. Na forma daqueles pés. Não era a primeira vez que Axel os tinha visto, de relance, ali, durante a estadia em Mönnikoog. A primeira vez fora junto à borda de uma piscina e dessa vez não se atrevera a elevar o olhar acima do nível do joelho. Não podia querer acreditar que era ela. E desta vez apenas vislumbrara o corpo desfocado e curvilíneo, da dona daqueles pés, enquanto se afundava nas águas do mar. Mas era ela. Ali estava ela. O que não era suposto, nesta vida paralela. “Gaill à minha espera em Vanilland, sim, mas no outro mundo, não neste” pensa Axel, durante o jantar.

– O que é que tu tens? – Pergunta-lhe Coraline, uma pergunta que enjoa de tantas vezes repetida.

E a resposta é sempre “nada, está tudo bem”. Essa noite, foi mais uma de muitas sem sono. Mais uma em que Axel se escapa da cama deixando Coraline a dormir, sozinha. Desta vez sai do quarto, vagueia pela praia, dirige-se ao pontão. Lá ao fundo está o vulto de uma mulher. Parece estar à sua espera. Axel aproxima-se.

– Vieste. Mas não vieste sozinho – diz-lhe Gaill num tom de voz áspero, mantendo a distância. Axel estanca o passo a uns dois metros dela, sente que há uma barreira que o impede de aproximar-se mais. O contra-luz do luar não lhe permite ver claramente o rosto de Gaill, mas imagina-lhe uns olhos frios de azedume, empedernidos pela desilusão. Uns olhos difíceis de aguentar.

– Tenho vindo aqui todas as noites, mesmo sabendo que não vieste por minha causa – continua Gaill – mas precisava de ter este momento a sós contigo.

Axel respira fundo, fazendo por controlar a vergonha de si próprio.

– Gaill, eu...

– Deixa lá, não vale a pena dizeres nada. Suponho que a ilha não será demasiado pequena para nós os dois.

Gaill desencosta-se do parapeito do pontão e passa por Axel, rumo à zona dos bungalows.

– Não Gaill, espera – suplica-lhe Axel, tentando segurar-lhe um braço mas ela solta-se com rispidez e vai-se embora com passo apressado. O brilho da lua resplandece-lhe os cabelos soltos que se afastam, até que se fundem no escuro da noite.

Os olhos de Axel dirigem-se para o foco difuso do luar, que devagar se transforma no grande disco solar, com um calor que o esmaga contra a areia da praia. Adormecera ali e ali estava, ainda, inerte na areia. Mais uma vez o corpo de Coraline aproximou-se para ver como ele estava, mas desta

vez não verbalizou qualquer pergunta nem quebrou o vácuo de som. Voltou apenas para trás, de volta para o bungalow, levando consigo o equipamento de mergulho. “O que é isto?” pergunta-se Axel, algum tempo depois. “Tenho que acabar com isto. Chega de viver com o peso dos fantasmas”, compromete-se, por fim. E então levanta-se e dirige-se, também, ao bungalow, onde encontra o equipamento de mergulho dela espalhado no chão do quarto. Abandonado aos pés da cama, onde Coraline estava sentada, cotovelos sobre os joelhos e mãos sobre as maçãs do rosto, a chorar convulsivamente.

– Coraline por favor, não fiques assim. Anda, vamos para o mar.

Mas a coisa é bem mais complicada do que Axel pensa. Coraline tem algo para lhe mostrar. Ela saca de um cachimbo-de-água, e uma saqueta com AQ-4.7, e exhibe-os a Axel.

– O que é isto, Axel? O que é isto?

– Isso, isso é...

– Isto é o que tens andado a fazer todas as noites, Axel, a viver as tuas vidas paralelas.

Uma corrente fria percorre o corpo de Axel. O tom de Coraline é de desamparo e de descrença, não agressivo. Axel nunca lhe viu um pingo de agressividade a deformar a expressão do rosto. Nem hoje, mesmo que profundamente triste, o rosto de Coraline é incapaz de se transfigurar em azedume e ódio. O que não impede Axel de sentir o chão tremer por debaixo dos pés, com o olhar atónito no cachimbo-mágico. “Quero acordar”, pensa Axel, enrodilhado num novelo confuso de neurónios, “esteja onde estiver, só quero acordar”.

– Não podemos viver assim, Axel – diz-lhe Coraline, enquanto Axel pensa “por favor, tirem-me deste sonho” – não podemos ser apenas uma das tuas vidas possíveis, põe-te no meu lugar, vê como é duro ser apenas uma

das tuas alternativas. Nós, que tínhamos planos, nós que... – Mas Axel só pensa “Quero acordar, quero acordar, quero acordar!”, enquanto ela continua – É por isso que me tens olhado estes dias com esse ar de compaixão, de misericórdia. É porque tu já me deixaste, Axel, numa dessas tuas vidas paralelas.

“Quero-acordar-quero-acordar-quero-acordar”

“QUERO-ACORDAR-QUEROACORDAR-QUEROACORDAR!”

Axel dá consigo a correr pelo areal envergando o equipamento de mergulho. Embrulha-se mar adentro, nada até à barreira do recife, no limiar entre o turquesa e o abismo azul escuro. Não haverá melhor local para fugir, melhor que o Cavaco van Bos. Agita as barbatanas com vigor e raiva, assustando um cardume de *bluestripe snappers* e um simpático peixe-cofre que por ali passava. Nada a pique nas águas, ao longo da barreira do recife, aprofundando-se mais e mais no abismo. “Acordar, hei-de acordar, de uma forma ou de outra. Acordar ou morrer, tudo menos isto”. E agita as barbatanas, ignorando a pressão que se esbarra contra os ouvidos, borbulhando da botija grandes nacos de oxigénio. Os peixes coloridos começam a dar lugar a outra espécie de peixes, descolorados, brancos, translúcidos. Estamos no domínio do imperador-fantasma.

“Em parte somos feitos das escolhas que fizemos, mas, sobretudo, das escolhas que não fizemos”, disse-lhe, um dia, o Professor Ruyah. Mas “nem sempre as escolhas que não fizemos determinam quem somos. Por vezes não percebemos que estamos perante uma bifurcação”.

– Tu és um modelador, por amor de deus, Axel! – Soa a voz de Nico Ruyah, cristalina, ferindo-lhe os tímpanos abafados no fundo do oceano – e não és um qualquer, eu escolhi-te por alguma razão. Tu consegues ver o quadro com apenas duas peças do *puzzle*, tens um dom inato. Agora, usa o que melhor sabes fazer, usa-o Axel!

Os peixes de rostos hediondos parecem rir-se à sua volta, com carantonhas desfiguradas e distorcidas. Mas a voz do Ruyah soa ainda, “Usa-o Axel, esse teu dom, usa-o!”.

“Peças do *puzzle*”, dissera a voz do Professor Ruyah. As primeiras de que se lembra são os pés de Miss Aboughtass, quando pela primeira vez entrou na sala. Rapidamente constuiu uma mulher a partir daqueles pés. Quando o Arjen Pijp lhe mostrou a fotografia da loira ensanguentada, Axel sabia que não podia ser ela. Porque a dona daqueles pés não podia ter cabelos loiros. E não tinha. Lembra-se... lembra-se agora dos fios de cabelo onde o seu olhar se fixou durante a primeira entrevista. Brilhavam na luz que penetrava a sala, os mesmos cabelos que reflectiram ontem o brilho da lua. Cabelos... que não eram loiros. Contrá... Con-tra-ri-a-mente à Gaill da outra vida. Uma Gaill que... uma Gaill que... era loira. Mas não podia ser loira. “Imaginei-a loira... na hipnose regressiva. Talvez sugestionado, no meu inconsciente, com a fo... to... gra-fia da outra loira”.

– Axel, peço-te. Olha-me nos olhos – disse-lhe Gaill. Mas Axel não a olhou nos olhos, nunca os viu. Toda a vida que partilhou com Miss Aboughtass não foi mais que um produto do subconsciente, uma alucinação, uma vida paralela. Uma vida onde, para além de Ribera, também o *magister* Ruyah morrera e Matt Vanberg estava por detrás daquelas mortes. Uma vida onde Gaill, com a ajuda do detective Pijp, descobrira toda a conspiração. Uma vida onde ele próprio, Axel, contra toda a razão, era van Hulm, e não quem pensava que era. Tudo fruto de uma alucinação, tudo com sabor a maçãs azedas.

E a Cassandra? Não, não pode ser. Passaram treze anos desde que nasceu a Cassandra. “Não posso ter vivido tre... treze anos numa vida paralela, ou posso?”.

– Muito bem, avançamos então para o modelo AQ-4.7 incorporando o sistema SAS – irrompe a voz estridente de Gertrud F., que lhe lacera os ouvidos. Axel percebe que sim, que com a versão AQ-4.7 pode ter vivido treze anos com a filha que nunca chegara a nascer. Percebe claramente, agora, com a dor agonizante da cabeça prestes a rebentar e os olhos a saltar das órbitas. O corpo a descer mais e mais no abismo.

“Eu também vivo com as minhas escolhas” dissera ele um dia. “Tem a certeza?” perguntou-lhe alguém de volta. E a resposta que não deu seria “não, não tenho a certeza”. Solta-se agora esta resposta no oceano, com o oxigénio que escasseia, Axel só vê espectros gelatinosos à sua volta. Medusas, ou então fantasmas. Um tremor incontrollável toma-lhe o corpo e tudo se esvai numa espiral borbulhante. O corpo de Axel abandona-se, inerte, flutuando no escuro do abismo.

Quando recuperou os sentidos, estava deitado de costas contra um estrado de madeira. Havia gaivotas a planar lá em cima, havia o mastro de um barco, o som de um motor a ceifar as águas. Mas a primeira imagem que Axel viu foram os olhos dela. Vestida com o equipamento de mergulho, na companhia de outro mergulhador, que veio ajudá-la a resgatar Axel.

– És tu – diz ele, acordando, com os olhos transbordantes de felicidade.

– Claro que sou eu. Eu não te abandono assim – responde-lhe ela – nem te deixo desistir dos nossos projectos.

Axel dá-lhe a mão e os dedos entrelaçam-se.

– Coraline – pronuncia, no meio de uma tosse convulsiva, tentando expulsar a água dos brônquios.

– Amanhã encontraremos o imperador-fantasma – diz-lhe Coraline para o animar, quando Axel por fim acalma e torna a pôr os olhos nos dela.

– Quero lá saber do imperador-fantasma, Coraline, das vidas paralelas, do complexo de Golconda... Tu és a minha escolha, Coraline. A minha vida. O meu projecto. A minha escolha.

Coraline ri-se. Um riso com lágrimas que lhe cobrem os olhos.

Sentado numa lateral do barco, o outro mergulhador assiste à cena com um olhar flácido e torpe. Sempre trabalhara neste lado do mundo, muito longe do meio urbano, muito longe de Libsterdam. Curioso, *ma non troppo*, por saber que problema é este do complexo de Golconda. Curiosidade que acaba por morrer ali mesmo, nas pacíficas águas do atol, enquanto o barco torna devagar à costa de Vanilland. A ilha onde o imperador-fantasma viverá sempre em quem o procura, mais no fundo dos homens, do que no fundo do mar. Foi assim que dizem que um dia, um espermatozóide e um óvulo acabaram por se encontrar.

FIM

Contactos:

Email: pedrogpmartins@gmail.com

Facebook: <http://facebook.com/pedrogpmartins>

Smashwords: <http://smashwords.com/profile/view/pedrogpmartins>

Nota final:

Ao terminar esta estória, acredito que me tenha afundado numa narrativa um tanto ou quanto intrincada, para desenvolver uma ideia já em si complexa. Tenho portanto algum receio que o leitor, tal como o Axel van Droom, se perca nas teias do enredo ao longo dos capítulos. Ainda assim, fiz uma tentativa de estruturar a estória, dividindo o conto em duas partes, em que a primeira se desenrola quase linearmente, caminhando no sentido do protagonista ter que fazer uma escolha, uma tomada de decisão. E na segunda parte teríamos, naturalmente, a consequência dessa escolha, não estivéssemos nós em Libsterdam, a capital dos sonhos, onde existe um produto que nos permite “visitar” os caminhos que não percorremos, decorrentes das escolhas que não fizemos. Ou, como diria mais objectivamente a minha mãe, “são vidas, Maria...”.